

5º Domingo da Páscoa

1ª leitura (Antigo Testamento) – Deuteronômio 4:32-40

O livro de Deuteronômio passou a ser popularmente conhecido após ter sido achado dentro de uma parede do Templo de Jerusalém pelo sacerdote Hilquias no tempo do rei Josias e ter servido para a unificação do Estado e a centralização do culto em Jerusalém (cf. 2 Rs 22: 9 –20). Se existiu uma parte original (provavelmente levada a Jerusalém por sacerdotes do reino do norte após sua queda em 722 a.C.), seria o chamado código da Aliança (capítulos 12-24). Após a chamada “reforma josiânica” o Deuteronômio recebeu várias contribuições a partir do pensamento sacerdotal judaíta do século VII aC . Enquanto o eixo original era mais o da justiça social, política e econômica a nova contribuição se preocupou com a unicidade da fé: um só Deus, um só Estado (Rei), um só Templo (Jerusalém/Sião).

O texto deste domingo pode ser ainda posterior e pertencer à redação final do Deuteronômio, já no conjunto do Pentateuco, no pós-exílio (século 5º). A teologia da criação, ausente da versão deuteronômica original dos dez mandamentos (vide comentário do 3º Domingo da Quaresma) aparece em 4:32 indicando sua ligação com Gn 1:1 – 2:4a, o que configura um forte indício pós-exílico. No mais, os autores desta passagem pegam uma carona nos princípios do Deus Único mostrando que nenhum outro deus é capaz de criar (v.32), falar diretamente com seu povo (v. 33) ou mais ainda libertá-lo das mãos dos seus opressores (v.34) chegando a conclusão de que: “nenhum outro há, senão ele” (v.35).

A segunda parte do texto (a partir do versículo 36) parece um tanto repetitiva em relação a primeira parte (compare v. 33 e 36) e não inclui a teologia da criação, o que leva a acreditar que esta seja a parte mais antiga que parte do Sinai (fogo), depois passa pela libertação do Egito (v.37), pela tomada da Terra Prometida (v. 38) chegando até o presente, daquela gente (v.39 – “Por isso, hoje...”) onde se tira uma conclusão semelhante (v.39b).

No versículo 40, agora bem no estilo deuteronomista josiânico, se aponta para a obediência prática de Deus através da vida em conformidade com seus estatutos. O interessante destas duas confissões unificadas é que ambas não impõem, teoricamente, a aceitação de um Deus Único (sob pena de morte, por exemplo), mas querem levar a aceitação do SENHOR como único Deus por ser autor/a da Vida, Libertador e Sustentador da Vida. Mais de 500 anos de tentativas de catequização forçada e não forçada na América Latina, assim como os desafios da PAZ ecumênica deveriam nos fazer refletir sobre qual seria a melhor forma de mostrar a outras pessoas que há um único Deus (Pai/Mãe, Filho e Espírito Santo). (HMG)

2ª leitura – Atos 8.26-40

O ponto importante neste episódio missionário é a inversão do que se esperava com a morte de Estevão e o que aconteceu: foi desencadeada a missão para onde não se esperava. E isto faz parte como consequência da proclamação constante nos Atos de que o Crucificado foi ressuscitado e isso resulta em várias formas de missão. A morte de Estevão parece com a de Jesus.

Analogamente, o grupo de Estevão sofreu perseguição e foi disperso. Nessa dispersão a missão alcançou o seu objetivo. De que forma? O eunuco etíope representa os que estão fora da comunidade na concepção "tradicional" dos primeiros cristãos, membros da Igreja em Jerusalém. Etíope quer dizer africano e não pode fazer parte da comunidade de adoração. O eunuco, castrado, consta na lista dos que não podem aproximar da comunidade santa (Dt 23.2). Assim, embora gozasse de certa posição social, a de ministro de estado da rainha de Candace, ele estava duplamente barrado de pertencer à comunidade santa. Tudo indica que ele procurava a verdade.

É interessante observarmos que alguém que é marginalizado pela comunidade estabelecida como Felipe encontra-se com um outro em condições semelhantes como o eunuco etíope que estava lendo Isaias 53. Vs. 31 – “como posso entender alguém não me explicar?”, (*odigeo*, ter auxílio para alcançar o sentido). Ambos ficaram diante desse texto. “Eles o humilharam e lhe negaram a justiça...porque o arrancaram da terra dos viventes”. Existe, assim, uma semelhança entre o Felipe, o eunuco etíope e a figura do Sofredor em Isaías. A função de Felipe consistiu em ligar toda essa relação com Jesus Cristo. Aqui como um pano de fundo aparece Isaías 56: não fale ao estrangeiro que se houver chegado ao Senhor, dizendo: “o Senhor, com efeito, me separará do seu povo”; nem tão pouco o eunuco: “eis que sou uma árvore seca”. Diga-se de passagem que este Felipe não é o apóstolo Felipe, mas um dos sete.

Nisto podemos aprender que a Igreja é uma comunidade acolhedora, cuja capacidade hospitaleira vem daquele poder que coloca o reinado de Deus acima de tudo, o reinado que tem a ver com a convivência humana em paz, em respeito e amor. Por esse reinado deu sua vida e Deus o aprovou ressuscitando-o dentre os mortos. A ressurreição de Cristo é a aurora do novo Dia. Sob a rubrica da ação do Espírito Santo, o narrador nos diz que o eunuco foi batizado confessando a fé em Jesus Cristo. (ST)

Santo Evangelho - João 14: 15-21

Um filho que jamais satisfaz os desejos de seus pais, que nunca cumpriu suas ordens e que sempre foi incapaz de agradá-los com um gesto simples de obediência não tem como dizer que os ama. Não há amor que não produza obediência.

Neste texto, Jesus nos prepara para sua ida aos céus. Mas ante de ir, nos lembra que há mandamentos que precisam ser colocados em prática pela igreja. Todos os seus ensinamentos devem ser vividos por aqueles que pretendem ser seus discípulos.

O cerne deste texto está nas palavras: “aquele que aceita os meus mandamentos e os obedece, este é o que me ama”. (v. 21) Mas o que acontece com aqueles que amam a Deus e obedecem a seus mandamentos? Qual será o grande diferencial entre os obedientes e os demais que não obedecem? Vejamos o que diz Jesus.

Em primeiro lugar Jesus diz que *“ele será amado por meu Pai”*. Ser amado pelo Pai significa ser alvo do carinho e do afeto que Deus tem apenas pelos seus filhos. Este carinho e afeto se manifesta em gestos concretos no envio do Espírito Santo. O texto nos diz que “ele vos dará um outro

Consolador". (v.16) Um Consolador, neste texto, é alguém que está ao nosso lado para nos motivar e nos defender. A igreja não ficará só na terra para cumprir sua missão. Ela não estará entregue às dificuldades e aos problemas. Deus, por amor a seus filhos, providenciou um Consolador. E este Consolador não estará conosco apenas nos domingos ou nas atividades litúrgicas. Ele não nos falará ao coração apenas nos dias de festa. Ele estará conosco "para sempre". Ele jamais se afastará de nós. Ele vai morar conosco (v.17) e permanecer ao nosso lado. O mundo, que não conhece nem obedece ao Pai e que não procura viver na verdade, não pode receber este espírito da verdade. (v.17) É porque Deus nos ama, que o Consolador está sempre conosco.

Em segundo lugar Jesus diz: "*Eu também o amarei*". Jesus sabia que dentro em pouco teria que deixar seus discípulos. Isto, obviamente, era algo muito difícil para ele. E toda sua preocupação se traduz em duas promessas que ele nos faz no verso 18. Lá ele expressamente nos diz: "não os deixarei órfãos" (v.18), ou seja, "jamais permitirei que vocês sigam este caminho e esta missão como filhos sem a presença marcante de uma mãe ao lado. Eu estarei com vocês, segurando em suas mãos, levantando-os quando caírem, curando suas feridas, eu jamais permitirei que a solidão se instaure em seus corações. Eu estarei com vocês por meio do Espírito Santo". E mais, ele também disse: "eu voltarei para vocês" (v.18). Jesus prometeu que tornaria nos encontrar. E ele certamente cumprirá sua palavra. É porque Jesus nos ama, que jamais estamos sós.

Em terceiro lugar Jesus diz: "*Eu me manifestarei a ele*". A presença do Espírito Santo, o Consolador, em nós não apenas nos garante uma companhia celestial nestes dias difíceis da vida, mas também nos garante uma constante *manifestação* que é chamada não de "epifania" ou seja, de uma manifestação de cima e do alto, mas de uma "em-fania" ou seja, de uma manifestação de dentro. Jesus se revelará a nós porque ele está vivo, e vivo em nós. Nós o veremos quando virmos o irmão: "vocês em mim e eu em vocês". (v.20) disse ele. Mas sua vida no outro é o único aspecto de sua vivificação. É porque ele está vivo (v. 19) com o Pai (v.20) e conosco que as barreiras do tempo e do espaço podem ser transpostas. A igreja tem agora a possibilidade de, misticamente, encontrar Jesus. E nós o encontramos no outro irmão, na mesa eucarística e na oração. Porque Jesus nos ama, ele ainda se manifesta a nós. Que tipo de comunhão com Deus você está nutrindo? Saiba que ele está mais perto do que você pensa. Ele está em você. Ame-o, obedeça-o e viva este encontro diário com Jesus. (JLFA)